

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de visita aos atletas dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007**

**Rio de Janeiro-RJ, 17 de agosto de 2007**

Meus queridos atletas,  
Dirigentes esportivos,  
Meu caro Sérgio Cabral,  
Meu caro Orlando Silva,  
Marta Suplicy,  
Dulci,  
Franklin Martins,  
Ministros do meu governo,  
Meu caro Nuzman,  
Queridos companheiros deputados federais,  
Meu caro José Luiz Campo, integrante do Comitê Paraolímpico  
Internacional,  
Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria, antes de começar a falar algumas palavras para vocês, que nós, com um minuto de silêncio, pudéssemos homenagear as vítimas de duas tragédias. Uma tragédia que completa um mês hoje, com o avião da TAM, em São Paulo, e a tragédia de anteontem, no Peru, do terremoto em que milhares de pessoas foram vitimadas. Eu queria pedir um minuto de silêncio em homenagem às vítimas.

Muito obrigado.

Bem, eu quero cumprimentar não apenas os atletas brasileiros, mas os atletas canadenses, os atletas americanos, mexicanos, os atletas de Cuba, da Argentina, da Venezuela, da Colômbia, do Peru, da Jamaica, da Costa Rica, do Equador, do Uruguai, do Chile, de Porto Rico, das Bahamas, das Bermudas, de El Salvador, de Granada, da Guatemala, do Haiti, de Honduras, da Nicarágua, do Panamá, da República Dominicana e do Suriname. Todos vocês, nesses dois últimos dias de Parapan-Americanos, por favor se esforcem para levar

uma medalha para os seus países. E os brasileiros não precisam levar para lugar nenhum porque já estão aqui, ganham e fica aqui mesmo a medalha. Boa sorte a todos vocês.

Eu poderia me contentar com o discurso do Vital, o discurso do Nuzman, o discurso do Orlando e o discurso do Sérgio Cabral. Mas, Orlando, uma coisa que você falou aqui, e eu não sei se passou despercebido por vocês, é que a Caixa Econômica Federal é a única patrocinadora do Parapan. Eu fico me perguntando: por que só a Caixa Econômica? Porque o preconceito de outras empresas que ganham tanto dinheiro aqui neste País e não investem no Parapan? A tranqüilidade que eu quero dar para vocês é de que possivelmente, por preconceito, isso não aconteça. Mas enquanto eu for presidente da República, na hora em que acabar o dinheiro da Caixa, nós temos o Banco do Brasil, e na hora em que acabar o do Banco do Brasil, nós temos a Petrobras, na hora em que acabar o da Petrobras, nós temos os Correios, temos a Eletrobrás, temos uma infinidade de empresas que não deixarão de dar a vocês a qualidade que daremos a qualquer outro atleta, de qualquer outra parte do mundo, em participação esportiva. Vocês não serão tratados como cidadãos e cidadãs de segunda classe porque Deus fez vocês diferentes de outras pessoas. Isso é um compromisso porque as pessoas precisam aprender, de uma vez por todas, que o preconceito é uma das doenças mais nojentas que a humanidade criou. Lamentavelmente ainda somos assim, mas vamos mudando. Se Deus quiser nós vamos mudando.

Nós já demos passos importantes, Governador. Eu me lembro do dia em que fomos receber os portadores de deficiência visual no Palácio, e tinha uma história de que não deixavam cães-guia entrar nos ônibus, não deixavam cães-guia entrar na igreja, não deixavam cães-guia entrar em lugar nenhum, nem em shopping. E eu falei: bom, nós vamos dar uma lição nesses preconceituosos. Foi todo mundo para o Palácio do Planalto com os seus cães-guia, e os cães entraram sem fazer nenhum estrago no Palácio, pelo contrário, os cães se portaram melhor do que muita gente que vai ao Palácio. Na verdade, os cães eram os olhos daqueles que estavam lá. Só estava com medo de ser mordido, mas uma senhora falou para mim: “olha, Presidente, eu sofri muito porque eu morava nos Estados Unidos e nos Estados Unidos eu podia andar com o meu cão-guia para todo lugar, eu pegava metrô. Quando eu cheguei no Brasil,

Presidente, quase fui à loucura porque não me deixavam entrar em lugar nenhum. Eu ia fazer as coisas, chegava na porta e era barrada”. As pessoas não entendiam que aquele cão era os olhos que aquela pessoa não tinha. Bem, hoje vocês podem andar, com a Lei, e se tentarem proibir vocês de entrar em algum lugar, esfreguem a Lei na cara de quem está proibindo porque quem está proibindo, na verdade, está cometendo um crime contra pelo menos 15% da população brasileira que tem algum problema de deficiência. Até eu.

Pois bem, meus queridos companheiros, vocês não imaginam o orgulho de saber que o governo está ajudando vocês. Talvez não tanto quanto vocês precisam, porque o Orlando falou que nós só temos 45% dos atletas do Parapan que recebem o Bolsa-Atleta. O Orlando me disse que ia prometer aqui um aumentozinho para a Bolsa e não prometeu, não sei por que, mas ele me disse: “eu vou falar alguma coisa”. Orlando, minha querida Maria Fernanda, o que a gente precisa é colocar mais a mão no bolso, porque o que vocês estão dando ao Brasil não são as medalhas. Vejam que eu nem disputei nada e ganhei uma medalha aqui. O que vocês estão trazendo para nós é mais do que uma medalha, é a demonstração de que o limite do ser humano é infinito quando ele tem vontade de fazer as coisas. Quanta gente neste País tem as duas pernas e não pratica 1% do esporte que vocês, que estão na cadeira, praticam? Quanta gente neste País tem os dois ouvidos bons e que não quer escutar? Quanta gente neste País tem dois olhos e não quer enxergar? Quanta gente neste País parece perfeita e quantos defeitos tem como ser humano? Desaprenderam a respeitar, desaprenderam a gostar das pessoas que são diferentes. Teve até uma pessoa aqui, numa campanha, que disse que era normal que a sociedade sentisse asco dos deficientes. Eu não sei quem foi, mas eu sei, eu vi no jornal que teve uma pessoa que falou que a gente deveria tratar com indiferença. Essa gente que pensa assim é tão mesquinha que não percebe que não é um dedo, que não é uma perna, que não é enxergar ou não enxergar, ouvir ou não ouvir, que faz a diferença entre nós, seres humanos. O que faz a diferença é o caráter, é a alma, é o coração, é a consciência política de cada um de nós.

Uma vez, eu fui a Feira de Santana com o ministro Agnelo ver a fábrica de bolas que tem lá, a fábrica de redes, e me fizeram uma apresentação de capoeira. Tinha um lutador de capoeira que não tinha braços e pernas, então,

ele fingia que lutava capoeira só com a ginga do corpo. Eu voltei para casa pensando: como é que pode um ser humano limitado fisicamente, como esse, dar a demonstração de grandeza e dignidade que ele está dando, quando tantos outros que não têm esse problema não têm a mesma grandeza? O que vocês estão ensinando para nós é que vocês não estão precisando de favores, vocês não querem favor da prefeitura, não querem favor do governo estadual, não querem favor do governo federal, não querem favor de ONG, não querem favor de igreja, não querem favor de empresário. Vocês querem duas coisas: respeito e oportunidade. É isso que vocês estão precisando e é isso que nós temos que oferecer.

Por isso, meus queridos companheiros, minhas queridas companheiras, eu tenho um motivo de orgulho: o fato de saber que nesses quatro anos e meio de governo vocês são vistos como qualquer um dos 190 milhões de brasileiros, vocês são tratados como todos os outros brasileiros. Certamente, nós podemos fazer muito mais, e podem ficar certos de que nós vamos fazer porque o esforço, a demonstração de cidadania, a demonstração de dignidade que vocês estão dando a este País mereceria uma medalha tão grande que não caberia no pescoço de vocês, mas sim no pescoço dos 190 milhões de habitantes deste País.

Quero terminar dando os parabéns a vocês e dizendo que, toda vez que eu estou chateado, toda vez que eu penso que eu tenho um problema, eu tenho que me lembrar de vocês, e tenho que dizer: que problema eu tenho, diante das dificuldades que vocês enfrentam para ser o que vocês são e fazer o que vocês fazem? Às favas o meu problema, porque vocês são a demonstração viva de que não existe obstáculo quando a alma, o coração e a consciência falam mais alto.

Parabéns, que Deus os abençoe, e boa vitória nesses Jogos.